

MUDANÇA DE PARADIGMA EM MUSEU DE CIÊNCIAS: COLEÇÕES, EXPOSIÇÃO E MEDIAÇÃO

Aline Portella Fernandes¹

Marília Forgearini Nunes²

165

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DOI: <https://doi.org/10.26512/museologia.v7i14.18392>

RESUMO

O Museu de Ciências Naturais – MUCIN – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) está localizado em Imbé, litoral norte do Rio Grande do Sul (RS). Especializado em fauna marinha e costeira, tem trabalhado em suas exposições temas relacionados à composição desses ecossistemas, ressaltando sua biodiversidade e discutindo sustentabilidade e conservação, bem como patrimônio cultural e natural. Discutimos nesse trabalho, a mudança de paradigma desse espaço a partir da construção do diálogo com seus visitantes, viabilizada através das exposições e ações educativas. A prática de tais atividades contribui para uma mudança e ampliação da função do MUCIN.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação museológica. Educação. Educação Ambiental. Exposição. Fauna marinha e costeira.

ABSTRACT

The Museum of Natural Science (MUCIN, in Portuguese) at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) is located at Imbé, in the north coast of Rio Grande do Sul (RS). It is specialized in marine and coastal fauna, and has been presenting in it its exhibitions themes related to the composition of these ecosystems, highlighting the biodiversity and discussing sustainability and conservation, as well as cultural and natural patrimony. In this paper, we discuss the change of paradigm of this place based on establishing a dialogue with the visitors, something that is attained through the exhibitions and educational actions. The practice of such activities contributes to the changing and enlargement from the role of MUCIN

KEY WORDS

Museological communication. Education. Environmental Education Exhibition. Marine and costal fauna;

¹Museóloga do Museu de Ciências Naturais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. E-mail: aportellafernandes@gmail.com.

²Doutora em Educação. Professora Adjunta da Faculdade de Educação, Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. E-mail: mariliaforginunes@gmail.com

Introdução

Por mais de 30 anos, o Museu de Ciências Naturais– MUCIN – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), vinculado ao Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos – CECLIMAR, em Imbé – Rio Grande do Sul (RS), dedicou-se a exibir espécimes de diversos lugares do mundo, fósseis, minerais e muitos aquários. Durante esse tempo o Museu conquistou um público que lhe foi cativo, principalmente, por exibir animais vivos e curiosidades. Concebido pela mente de um professor visionário³, porém, não especialista no assunto (museus), o MUCIN consolidou-se aos moldes dos museus de ciência de caráter universal e enciclopédico instituídos na Europa no século XVIII e também no Brasil a partir do século XIX (LOPES, 2009). A diferença do mesmo foi, no entanto, não produzir um acervo científico próprio, mas exibir peças emprestadas e coletadas em outros setores da Universidade e até mesmo em viagens realizadas por seu mentor, constituindo-se mais próximo do que se pode denominar gabinete de curiosidades.

Foi somente a partir do ano de 2009 que começaram a formar-se as coleções próprias do Museu, a partir da necessidade do curso de Biologia Marinha, sediado no Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos – CECLIMAR⁴ - e que demandava coleções didáticas para as aulas. O biólogo recém chegado, então, começou a reunir a coleção didática e, paralelamente, a formar coleções científicas que, hoje, fazem parte do MUCIN. Em 2014, o Museu, hoje também reconhecido por sua sigla MUCIN, adotada neste ano, passou por uma mudança de paradigma, refletida principalmente no modo de organizar suas exposições e propor suas ações educativas.

As coleções iniciadas em 2009 foram formadas com espécimes provenientes do Centro de Reabilitação do CECLIMAR (CERAM) e dos monitoramentos de praia, realizados em toda a orla do litoral norte do Rio Grande do Sul, uma ação iniciada em 2012 e isso fez com que o acervo do Museu se especializasse em fauna marinha e costeira. Há uma separação entre coleções científicas e coleção didática. As coleções científicas não são expostas e contam com espécimes importantes, como o da foca-de-wedell (*Leptonychotes weddellii*) e o do Albatroz de cabeça-branca (*Thalassarche steadi*), cujos registros são os primeiros para o Brasil (FRAINER et al, 2017; PEREIRA et al, 2016). O Museu abriga coleções científicas mastozoológica, herpetológica, ornitológica e malacológica. A coleção ornitológica é bastante completa e representativa dentro daquilo a que se propõe, com 957 registros, assim como a malacológica, com mais de 3.000 registros. Ainda não há divulgação sistemática dessas coleções, esse é um dos desafios que temos para os próximos anos.

Esse processo de formação das coleções revelou que as exposições que ocorriam até então, apesar de apresentarem espécimes locais, misturavam outros elementos dissonantes daquilo que se estava estabelecendo como foco do museu: a fauna marinha e costeira que ocorre no litoral do Rio Grande do Sul. Outra questão é que a exposição de longa duração do Museu, até então, não propunha uma narrativa, não tinha um fio condutor que levasse o visitante a construir um raciocínio, mas, sim, exibia diversos espécimes soltos, sem um

³ Irajá Damiani Pinto, graduado em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e doutor em Geociências pela Universidade de São Paulo - USP, foi professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fundou o CECLIMAR (e com ele concebeu o Museu) em 1978.

⁴ O Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos – CECLIMAR realiza diversas pesquisas relativas à biodiversidade do litoral norte, incluindo estudos sobre qualidade da água. Entre os setores vinculados ao Centro está o Centro de Reabilitação de Animais Silvestres e Marinhos (CERAM) e o Museu de Ciências Naturais (MUCIN).

contexto, além de uma quantidade considerável de aquários. Essa constatação nos fez observar que o MUCIN, se levamos em conta as definições de museu que temos⁵, não era exatamente um museu, mas uma sala de exposições e só adquiriu este status a partir do momento em que começou a formar suas coleções como estamos relatando.

A concretização da nova exposição de longa duração, intitulada “Litoral Norte: suas belezas e fragilidades” possibilitou estabelecer a narrativa que faltava e contextualizar todos os objetos em exposição. A idéia foi gerar uma discussão sobre o que tem de belo e quais os problemas que enfrentamos relacionados à sustentabilidade.

O presente trabalho tem como objetivo discutir como a organização da nova exposição de longa duração procurou criar uma narrativa expositiva que proporcionasse ao visitante, a partir da mediação, valendo-se de diferentes recursos, conhecer o Litoral Norte do Rio Grande do Sul e pensar sobre os problemas de sustentabilidade que fazem parte do seu cotidiano. A intenção que temos é apresentar um modo de perceber o espaço museológico como local de construção de conhecimento científico e também social.

EXPOSIÇÃO: ESPAÇO PARA CONHECER E SE RECONHECER

O litoral norte do Rio Grande do Sul é uma região bastante rica em biodiversidade e de formação geológica recente, o que a torna bastante frágil (WÜRDIG; FREITAS, 2009). No período de verão a população aumenta substancialmente, sendo que as cidades não têm estrutura para comportar tantas pessoas. O impacto é também causado pelos residentes, sendo essa uma problemática a ser discutida constantemente.

Dessa forma, o MUCIN pretende, além de fazer a divulgação científica de suas coleções, trabalhar educação ambiental, problematizando e conscientizando sobre as questões que envolvem a sustentabilidade do ecossistema retratado em suas exposições. Essas ações estão assim explicitadas na Missão do Museu que se encontra em sua página de divulgação (<https://www.ufrgs.br/mucin/institucional/>):

Promover a valorização do patrimônio natural e cultural, com ênfase no litoral do Rio Grande do Sul, de modo a sensibilizar a sociedade para sua sustentabilidade e qualidade de vida, bem como para a conservação da biodiversidade, a partir da preservação, pesquisa e exposição de seus acervos científicos e didáticos além de um programa de ações educativas.

Essa Missão coloca como necessário pensar o Museu não só como um lugar onde são expostos animais, separados em classes, famílias, gêneros, espécies etc., mas de tratá-los dentro de uma dinâmica, cujo ator principal é o homem, que é o agente mais nocivo e também o único capaz de pensar maneiras de diminuir seu próprio impacto. O visitante também assume um outro fazer, é importante que ele se perceba como parte daquele cenário e não vá ao Museu somente para contemplar os animais, como se eles fossem objetos que não

⁵Definição do Conselho Internacional de Museus - ICOM: O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. Definição da Lei 11.904/2009: instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

interagem. O Museu assume o papel de auxiliar a espécie humana a se descobrir como parte da natureza, já que muitas vezes parece não perceber que suas ações trazem consequências para o meio onde vive e onde transita.

Diante deste cenário, é preciso pensar uma comunicação museológica eficiente capaz de aliar todas estas questões e fazer com que o Museu seja um agente de transformação social. Para isso, algumas perguntas precisam ser respondidas: De que forma um museu de ciências pode transformar a sociedade? Podemos tomar emprestados alguns preceitos da Nova Museologia⁶, essa que influenciou a criação de museus comunitários e ecomuseus pelo mundo?

As respostas para essas perguntas são encontradas nas próprias definições que deram origem ao movimento da Nova Museologia, onde o museu assume um novo papel, pois sua constituição e proposição expositiva ao público deve levar em consideração a totalidade dos problemas da sociedade, deixa de ser apenas um lugar de guardados e exposições e torna-se o museu integral: o museu enquanto ação, um instrumento dinâmico de mudança social (VARINE, 1995).

Esse movimento, também chamado de museologia crítica, trata de colocar o museu como um “lugar de dúvida, de perguntas, de controvérsias e de democracia cultural” (PADRÓ, 2003: 57). Segundo Padró (2003), é fundamental para uma mudança de paradigma nos museus que se adentre no terreno do questionamento, do contexto e da autorreflexão, ou seja, é preciso entender que distintos contextos operam na construção do conhecimento e que este é muito mais um processo do que um resultado.

A exposição organizada no MUCIN a partir de 2014 pretendeu estabelecer a relação entre divulgação científica, sustentabilidade, educação ambiental e, conseqüentemente, mudança social. Essa proposição baseou-se na crença de que museu é espaço de comunicação proporcionada pelas suas exposições e ações educativas, que tem a mediação cultural como ação primordial para que se concretize a missão da instituição.

Primeiramente, mudar a maneira de expor os objetos já caracteriza um novo discurso, de uma forma geral, e foi o que aconteceu no MUCIN: a nova exposição já explicitou uma nova postura. Recursos visuais ilustrativos, coloridos e provocantes, além do uso de muitas imagens são recursos motivadores, e, no caso do MUCIN, além de complementarem o acervo científico, também deram o tom para introduzir os assuntos que se pretendiam colocar em questão e provocar a reflexão.

Na entrada da exposição, uma maquete sem legendas nela mesma (FIGURA 1), onde é possível discutir relevo, vegetação, hidrografia, urbanização, destinação dos resíduos sólidos, vida marinha e costeira, chama o visitante à produção de sentidos, tentando estabelecer relações com o ambiente onde está, intrigando-o, instigando-o e, até mesmo, desacomodando-o diante do que vê exposto. Não há informações tão óbvias no que se vê, apenas uma legenda ao lado, com poucas informações. Porém, a ajuda de um mediador acaba tornando-se um importante apoio que instiga a pensar, a buscar respostas: o que você vê aqui? Uma simples pergunta que pode levar a uma longa conversa deflagrada de sentidos sobre o que se vê, um exercício de atenção e produção sensível para que se veja o que é conhecido com outros olhos, sob outra perspectiva:

Tal exercício tem por base as proposições de Paulo Freire acerca do diálogo e de aproveitar o conhecimento de mundo que cada indivíduo traz consigo, baseando a construção do conhecimento nas experiências de vida (FREIRE, 2011) e não em res-

⁶Movimento que teve seu início a partir das discussões realizadas na Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, e que é atualmente reconhecido pelo Conselho Internacional de Museus – ICOM.

Figura 1: Foto da maquete do litoral norte



Fonte: Foto de Ignacio Moreno, pesquisador-colaborador do MUCIN.

postas prontas.

A lógica da exposição é mostrar que dentro do litoral norte é possível encontrar serra com Mata Atlântica, restinga (marismas, ambientes alagados) até chegar na planície costeira e no mar, sempre relacionando os hábitos das espécies com as problemáticas que cada uma vive em seus habitats. Dessa forma, falando dos espécimes que estão no acervo e relacionando-os ao mundo lá fora, à realidade, estamos tratando de problemas da sociedade, conforme discutido na Mesa Redonda de Santiago do Chile.

No caso do MUCIN, os problemas que lhe cabem circundar dizem respeito às questões das ciências naturais. Assim, de maneira ampla, as ciências naturais possibilitam colocar no foco da atenção tudo o que tem a ver com natureza e, aos poucos ir reduzindo esse foco, ao que está dentro da natureza, tudo como se organizam e como vivem os seres vivos que a tem como habitat, para por fim, podermos olhar amplamente de novo e tratarmos de questões culturais e como elas estão ligadas às questões naturais, envolvendo todos os seres vivos que habitam, organizam e convivem na natureza.

Na parte da exposição em que é tratado o ambiente costeiro e marinho (FIGURAS 2,3,4 e 5), surgem com intensidade a questão da produção e destinação de resíduos sólidos, em especial o plástico, uma das principais ameaças a todas as espécies e que merece atenção da sociedade. Pinguins, tartarugas, peixes e aves são alguns exemplos de animais que têm sofrido bastante com a ingestão de plástico, material abundante nos oceanos atualmente. Por um lado, são tratados os hábitos e a existência desses seres dentro do ecossistema e, por outro, as consequências de vivermos em um mundo extremamente envolvido na cultura do plástico, além de outros assuntos relacionados à conservação.

A peça que mais chama a atenção na exposição é o esqueleto da baleia jubarte (*Megaptera novaeangliae*) (FIGURA 4) e junto com ela há um esqueleto de *Tursiops gephireus* (WICKERT et al, 2016), golfinho bastante conhecido na região por conta da pesca cooperativa que, há anos, realiza com os pescadores do es-

Figura 2 – Imagem do esqueleto da baleia jubarte - exposição de longa duração



Fonte: Foto de Ignacio Moreno, pesquisador/colaborador do MUCIN.

Figura 3 – Imagem de parte da expografia - exposição de longa duração



Fonte: Foto de Ignacio Moreno, pesquisador/colaborador do MUCIN.

Figura 4 – Imagem aquários - exposição de longa duração



Fonte: Foto de Ignacio Moreno, pesquisador/colaborador do MUCIN.

Figura 5 – Imagem expografia - exposição de longa duração



Fonte: Foto de Ignacio Moreno, pesquisador/colaborador do MUCIN.

tuário do rio Tramandaí, na divisa entre Tramandaí e Imbé, conhecido como boto da barra. Além destes destaques, diversos invertebrados e aves taxidermizadas compõem a expografia, reproduzindo o ambiente praiado avistado principalmente no inverno, quando inúmeras espécies transitam livremente pela costa.

O uso de imagens bastante coloridas, destacando mais a visualidade do que o texto informativo verbal, teve a intenção de mostrar o quanto a biodiversidade do litoral norte é expressiva em termos de cores e aguçar a curiosidade do visitante para que ele questione e vá em busca de maiores informações sobre o ambiente. Essa estratégia deixou o ambiente mais leve, sem aquela densidade que é encontrada em alguns museus de ciências com muito acervo exposto, repleto de informações verbais e longos textos.

MEDIAÇÃO CULTURAL: DESAFIOS

A exposição que foi totalmente revisada e ganhou um olhar e um fazer diferentes foi o primeiro passo da reformulação comunicacional do MUCIN. O próximo passo para uma comunicação museológica diferenciada são as ações educativas. O modo com que a exposição se organiza, as bases teóricas de como se compreende a construção do conhecimento que sustentam a organização do acervo exposto precisam ser ecoadas na mediação proposta aos visitantes. Tanto as atividades de mediação quanto algumas oficinas ministradas acabam ganhando também uma nova abordagem, mais dialógica, deixando um pouco de lado o tipo de mediação unilateral, na qual a fala do mediador é única, representando um conhecimento pronto apenas a ser ouvido.

Nesse quesito, além de usar referências como Paulo Freire, é possível estabelecer diálogo com autores como Lev Vygotsky (2003) e Jorge Larrosa (2002) que destacam a importância do sensível e da experiência nos processos de produção de sentido. Vygotsky nos fala que:

Nenhuma pregação moral educa tanto quanto uma dor viva, um sentimento vivo, e neste sentido o aparelho das emoções é uma espécie de instrumento especialmente adaptado e delicado através do qual é mais fácil influenciar o comportamento. As reações emocionais exercem a influência mais substancial sobre todas as formas do nosso comportamento e os momentos do processo educativo. [...] Sempre que comunicamos alguma coisa a algum aluno devemos procurar atingir o seu sentimento. (VYGOTSKY, 2003:143)

Isso significa que, lançando mão de algumas estratégias para deixar fluir os sentimentos do visitante, para conseguir tocar esses sentimentos, é possível tornar a experiência de uma visita mais efetiva, que transcende o presente, alcançando o futuro, caracterizando-se como uma experiência marcante. Os sentimentos fazem parte da vida das pessoas, é praticamente impossível racionalizar tanto a ponto de excluir totalmente as sensações e isso, em uma atividade de mediação, pode ter um saldo bastante positivo, mesmo que essas sensações sejam, em algum momento, de desconforto, de deslocamento.

Proporcionar ao visitante uma experiência realmente efetiva é um grande desafio nos museus, pois como diz Larrosa (2002), só obter uma informação não é experiência, já que a informação está tão abundante, tão efêmera, temos um excesso de informação que só atrapalha a experiência. A experiência deve ser vivida, sentida e isso é algo que exige tempo. Aí está uma problemática para os museus, pois é muito comum que os visitantes tenham um tempo contado e reduzido para estarem no espaço. Uma experiência que realmente faça algo

acontecer ao visitante precisa de tempo, tanto no espaço do museu, quanto após a sua saída, retornando a outros espaços onde a reflexão sobre a visita se dá. Esse tempo é primordial para que a experiência seja vivida e a mudança aconteça.

A exposição de longa duração do MUCIN tenta provocar o visitante a viver um tempo de sensibilidade durante a visita valendo-se de diferentes recursos visuais como descrevemos. Além disso, os recursos sonoros também convocam o visitante a parar para ouvir. No segmento da exposição que fala sobre a Mata Atlântica, criamos um cenário que lembra o meio da Mata para abrigar as espécies da fauna da floresta e colocamos um som ambiente, com aves cantando, rio correndo, barulho das árvores. Essa estratégia pretende fazer as pessoas se sentirem um pouco mais “dentro” da mata. Parar e ouvir que não se está em um ambiente totalmente silencioso é uma experiência que pode despertar sentimentos em alguns visitantes.

Outra atividade que cabe ser relatada aqui é uma oficina realizada com grupos escolares e universitários, sobre tubarões do Rio Grande do Sul. Inicialmente os participantes são convidados a falar palavras que lhes vêm à cabeça ao pensarem em tubarões: medo, perigoso, comida, foram algumas delas. Após isso, vendados, foram oferecidas ao toque peles, mandíbula e réplicas de tubarões de diversas espécies para conferir texturas e odores. Após revelar para cada pessoa que tinha ficado vendada o que ela tinha tocado eram feitas as explicações sobre cada peça. O objetivo geral da oficina é fazer conhecer sobre esse grupo que, em geral, é considerado perigoso e que causa medo, mas que, na realidade, é mais uma grande vítima do homem, seja através da pesca desgovernada, seja pela cultura de matar assim que o enxerga, para que não “machuque” ninguém.

Um jogo de dominó é outra ação sensibilizadora e produtora de conhecimento nessa proposta de mediação da oficina sobre tubarões. Nesse jogo, os participantes são convidados a ir encaixando as peças que trazem imagens e informações sobre os tubarões, desconstruindo mitos e informando sobre o estado preocupante de conservação de cada espécie habitante do RS. Ao final, pode-se perceber a mudança no pensamento sobre esse animal, sugerindo que os participantes foram sensibilizados.

Tanto a mediação realizada nas exposições quanto outras atividades educativas têm a intenção de sensibilizar a população sobre os temas propostos e, assim, promover algum tipo de transformação. Para isso é preciso estar sempre pesquisando, encontrando novos caminhos, novas maneiras de abordagem. Para todos que recebem uma educação tradicional, onde há um professor/guia/mediador que fala e os alunos apenas escutam e aceitam o que está sendo dito, é difícil pensar em atividades que sejam mais dialógicas, democráticas e provoquem interação. Porém, quando há a intenção de mudança, é possível se preparar, estudar, experimentar novas atividades e maneiras de fazer mediação e, aos poucos, a mudança vai acontecendo.

Para finalizar esse assunto, gostaria de citar Ana Mae Barbosa que trabalha com arte educação, mas seus ensinamentos podem ser canalizados para qualquer atividade de mediação cultural. Ela fala que museus são laboratórios de conhecimento de arte, pois o museu é o lugar experimental da mediação (BARBOSA, 2010: 13). Penso que isso se aplica também a outras tipologias de museus e também aos museus de ciência.

O museu é um espaço que pode ser vivenciado e que está à disposição para as experiências. A mediação e o mediador são essenciais para que as experiências aconteçam. Ana Mae Barbosa (2010) comenta que o mediador deve ser valorizado, deve ser visto como um educador e que deve participar do processo

de construção das exposições. Isso faz bastante sentido, pois se um mediador participa de todas as etapas da elaboração da exposição vai conseguir fazer uma mediação com mais propriedade, com maior aprofundamento, não esquecendo de dar espaço para que o visitante se expresse também.

Considerações Finais

A intenção do presente artigo foi relatar como a comunicação museológica é um importante pilar, dentro de um museu, para divulgação científica e, ao mesmo tempo, de educação ambiental, bem como, a forma como o MUCIN tem feito isso. Procuramos informar acerca de uma tentativa, constante, de fazer de um museu de ciências um local mais democrático e educativo, orientados pela Nova Museologia. Procuramos também demonstrar como o acervo de fauna marinha e costeira pode ser utilizado para realizar educação ambiental e difundir conceitos de sustentabilidade.

O MUCIN é um museu pequeno, tentando se consolidar enquanto instituição museológica reconhecida por seu rico acervo, apesar de pouco tempo de início das coleções, tanto na questão da pesquisa quanto na questão da comunicação. Há pouco mais de quatro anos, fizemos uma aposta ao mudarmos toda a exposição e trabalhamos diariamente por realizar atividades educativas diferenciadas e de acordo com o novo paradigma assumido. Até o presente momento, temos colhido bons frutos, fomentando discussões importantes e promovendo reflexão, nosso principal objetivo.

Porém, ainda há um longo caminho a percorrer, principalmente na questão da divulgação das coleções científicas. Para tanto, continuamos atentos a todas as críticas, ao olhar do público, ao olhar de especialistas e à dinâmica social que muda cotidianamente. Além disso, algo que tentamos fazer aqui nesse texto, estamos abertos ao diálogo com outros campos de saber, tais como a educação para pensarmos como o museu de ciências pode de modo mais eficiente ampliar a sua função, além de local seguro para guardar descobertas científicas, ser também lugar de reflexão, produção de conhecimento e mudança social e cultural.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, Ana Mae; CONTINHO, Rejane (Orgs.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 13-22.
- BRASIL. Estatuto de museus - Lei 11.904. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm>. Acesso em: 02 jan. 2018.
- FRAINER, Guilherme; HEISSLER, Vanessa L.; MORENO, Ignacio. A wandering Weddell seal (*Leptonychotes weddellii*) at Trindade Island, Brazil: the extreme sighting of a circumpolar species. 2017. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s00300-017-2218-9>>. Acesso em: 03 jan. 2018.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- ICOM- Internacional Council Of Museums, Portugal. Definição de museu. 2015. Disponível em: <<http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>>. Acesso em: 02 jan. 2018.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002 [jan-fev.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/>

[rbedu/n19/n19a02.pdf](#). Acesso em 29 Ago. 2017.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica*. 2. ed. Brasília: Hucitec, 2009.

PADRÓ, Carla. La museología crítica como una forma de reflexionar sobre los museos como zonas de conflicto e intercambio. IN: LORENTE, Jesús Lorente; ALMAZAN, David. *Museología crítica y arte contemporáneo*. Zaragoza: [Prensas Universitarias de Zaragoza](#), 2003. pp. 51-70

PEREIRA, Alice et al. The first confirmed record of the White-capped Albatross *Thalassarchesteadi* in Brazil. 2016. Disponível em: <<http://www4.museu-goeldi.br/revistabrornito/revista/index.php/BJO/article/view/1284>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

VARINE, Hugues de. A Respeito da Mesa-Redonda de Santiago. In: ARAËJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *A Memória do pensamento museológico contemporâneo: Documentos e Depoimentos*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Icom, 1995. p. 17-25.

VYGOTSKY, L. S. A educação no comportamento emocional. In: _____. *Psicologia Pedagógica*. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 127-148

WICKERT, Janaína Carrion et al. Revalidation of *Tursiopsgephyreus* Lahille, 1908 (Cetartiodactyla: Delphinidae) from the southwestern Atlantic Ocean. 2016. Disponível em: <<https://academic.oup.com/jmammal/article/97/6/1728/2629225>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

WÜRDIG, Norma Luíza; FREITAS, Suzana Maria F. de. *Ecosistemas e biodiversidade do Litoral Norte do RS*. Porto Alegre: Nova Prova, 2009.